

Farça

chamada

« Auto da Lusitania. »

FIGURAS.

INTRODUÇÃO.

LEDIÇA.			CORTESÃO.
MÃE	}	de Lediça.	SAULINHO.
PAE			JACOB.

FARÇA.

LICENCEADO (no argumento).

LISIBEA.		FEBRUA.
LUSITANIA.		JUNO.
PORTUGAL.		DINATO.
MAIO.		BERZEBU.
VENUS.		TODO O MUNDO.
VERECINTA.		NINGUEM.

A farça seguinte foi representada ao muito alto e poderoso Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal, ao nascimento do muito desejado Príncipe D. Manoel seu filho, era do Senhor de 1532.

F A R Ç A

CHAMADA

« AUTO DA LUSITANIA. »

LEDIÇA.

Muito tenho por fazer
E não tenho feito nada :
Está a logea por varrer,
Os meninos por erguer
E enha mãe ensobradada.
Meu pae vai-se a passear
Com outros judeos andando,
E a costura está folgando,
Dous annos por acabar
O capuz de dom Fernando.

Meu pae não era de arte
Senão pera cavaleiro,
Ou fidalgo, ou rendeiro,
E o christão pera alfaiate
Sem agulha e sem dinheiro.

Entra hum Cortesão, e diz :

COR. Vosso pae he ca, senhora ?

LED. Que lhe quereis vós dizer ?

COR. Pregunto a vossa mercê.

LED. Per hi sahio elle fóra
A arrecadar não sei que.

Quereis-lhe algũa coisa ?
Havei-lo mister, senhor ?

COR. Tem elle muito lavor ?

LED. De ventura não repouisa
Nem sossega o peccador.

COR. Vossa mãe he tambem fóra ?

LED. Mas em cima está cosendo
E eu ando isto fazendo.

COR. Não devia tal senhora
Como vós andar varrendo,

Senão enfiar aljofre.

LED. Minha mãe tem no seu cofre
Duas voltas de coraes.

COR. Senhora, sam cortesão,
E da linhagem d'Eneas,
E por vossa inclinação
Folgára de ser d'Abrahão
O sangue de minhas veas.

Mas vosso e não de ninguém
He tudo o que está comigo,
E quero-vos grande bem.

LED. Bem vos queira Deos amen :
Quereis outra coisa, amigo ?

CORTESÃO.

Temo muito que me leixe
Vosso amor pobre coitado
De favor com que me queixe.

LED. Lançae na sisa do peixe,
E logo sois remediado.

COR. Não falo, senhora, disso,
Porque eu me queimo e arço
Com dores de coração.

LED. Muitas vezes tenho eu isso :
Diz MestrAires que he do baço,
E reina mais no verão.

CORTESÃO.

Mas, senhora, por amar
Fiz minha sorte sugeita,
E perdi a mais andar.

LED. Crede, senhor, que o jogar
Poicas vezes aproveita.
Dom Donegal Saborido,
Que tinha tanta fazenda,
Por jogar está perdido,
Que não tem o dolorido
Nem que compre nem que venda.

CORTESÃO.

O' doce frol antre espinhas,
Crede o amor sem mudança
Que vos tenho e que vos digo.

LED. Assi hũas primas minhas
E toda esta vezinhança
Todos tem amor comigo :
Dom Isagaha Barabanel
E Rabi Abram Zacuto,
O Donegal coronel,
E Dona Luna de Cosiel,
E todos me querem muito.

CORTESÃO.

Senhora, por piadade
Que entendaís minha rezão ;
Entendei minha verdade,
Entendei minha vontade,
E mudareis a tenção :
Entendei bem minha dor,
E mil maleitas quartans,
Que por vós me hão de matar.

LED. Assi he meu pae, senhor,
Que tem dores d'alморrans,
Que he coisa d'apiadar.

Foi o anno tam chacoso
De doenças da ma ora,
Que creio bem o mal vosso ;
Porque dom Mossé Lendroso
Não morreo senão agora.

MÃE. Não sei que chanto ha de ser
De hũa filha que criei ;
Que coisa que lhe mandei,
Nunca a fez nem quis fazer.

Quando está como agora
Na logea e eu no sobrado,
Chamo e chamo, brado e brado,
E como as pedras de Çamora
Dá ella por meu chamado.

COR. Senhora, sois minha vida,
Fiae no que digo eu.

LED. Não tenho roca de meu,
Nem depois que sam nacida
Nunca minha mãe ma deu.

MÃE.

Lediça, filha doirada,
Não subirás hoje ca ?

LED. Não podo que estou pejada.

MÃE. Pejada ! melhor fadada
O Senhor te fadará.
Casarás e lograr-t'has,
À sombra do teu amor ;
Entonces te pejarás,
Pejar-t'has e parirás
Hum pampaninho de flor.

CORTESÃO.

E fosse de quem eu digo.

LED. Não sinto aquellas rezões.

COR. Que andais d'amores comigo.

LED. As amoras e o trigo
Vem no tempo dos melões.

MÃE. Sube ja este sobrado,
Que cedo te faça eu boda.

LED. Acho ca todo enlodado :
Saulinho está luxado,
E luxou a manta toda.

Não gostais vós destas dores,
Parece-vos isto vida ?

COR. Ó flor de minhas froles
E meus primeiros amores,
Folgae ser de mi querida.

MÃE. Samuel, bem t'encaminhas :
Luxaste-te, filho meu ?

LED. Bem vo-lo dizia eu,
Não lhe compreis camarinhas :
Agora elle fez o seu.

Que vos queira ouvir não posso :
Que me dizeis agora ?

COR. Se sois contente, senhora,
De eu ser namorado vosso ?

LED. Que o sejais muito embora.
Porque Yuça namorado
He irmão de minha mãe ;
E Catelão namorado
He meu primo e meu cunhado,
E rendeiro na Sertão.

MÃE.

Que ! não vens, filha Lediça ?
Nunca acabas de alimpar ?

LED. Como sois agastadiça !
Cudareis que de preguiça

Não faço senão folgar,
Ou samica estou dormindo ?
MÃE. Ora faze, filha minha.
LED. Eu estava-me ja indo,
E Menoba está saindo
No meio da camarinha.

CORTESÃO.

Antre essas cousas louçans
Peço que me consoleis.
LED. Pinhoadá comereis,
Ou caçoila de maçans :
Vêde vós o que quereis.
COR. Peço esperança coitado
E favor favorecido.
LED. Isso he coisa d'adubado.
COR. Oh que mal ser namorado
Onde não he entendido !

Eu vou-me : vosso pae vem.
LED. Mãe, vinde que vem meu pae.
MÃE. Que figeste ? guai, guai, guai !
Ou falaste com alguem,
Ou não sei como isto vai.
LED. Com quem havia de falar ?
Olhae que coisas aquelas !
MÃE. Se ainda dorme Menoba,
E déste tres varredellas,
Não cuides de m'enlodar,
Porque alguem te falou ca.

LEDIÇA.

Se eu falei com ninguem
Senão com esta vossoura,
Nunca de ma trama moura.
MÃE. Guarde-te Deos, filha, amen,
E te faga duradoura.
LED. Mãe amiga, eu queria
Que cesseis de m'assacar,
Que sahirei de siso hum dia,
E poer-me hei nome Maria
Ou Felipa ou Guiomar.

Que eu não falei com ninguem,
Nem ninguem falou a mi,
Nem ninguem chegou aqui.
MÃE. Bem o sei, filha meu bem :
Prazeres veja eu de ti.

Entra o Pae e diz :

PAE. Levantáráo-se os meninos ?
O mantão mandae guardar.
Que temos pera jantar ?

MÃE. Berenjelas e pepinos,
E cabra curada ó ar.

PAE.

E çanoiras porque não,
Com favas e alcorouvia
E cominho e açafão ?

MÃE. Pois o turco Gran Soldão
Não come tanta iguaria.

Quanta choca, quanta lama,
Que traz o mantão frisado,
Que estava tam alimpado,
Que parecia hũa dama
Diante seu namorado !

Porque não fogis do lodo ?
Dizei, nunca mal vos venha,
Nem dia delle, amen, amen.

PAE. Venho tam contente todo,
Como de saude tenha
Aquelle que nos quer bem.

Encontrou-me o Regedor,
Fui eu assi encontrá-lo
Onde mora Abram Baeça ;
Falo-vos do seu favor,
Que até ós pés do cavalo
M'abaixou sua cabeça.

Folgais Hacer Beaçar
Co a honra do nosso bem,
Co bem do nosso prazer ?

MÃE. Cousa he pera prezar ;
Que quem tal amigo tem
Não se deve de temer.

PAE.

Nunca logre esse mantão,
Se o Conde Mordomo-mor
Não s'emborcou até ó chão
Co barrete no arção,
Como s'eu fôra doitor
Da casa da Rolação.
Sois contente ?

LED. Ja viestes, pae ?

MÃE. Ledecina,
Correge essas crenchas, filha,
E viste-te ess'oitra fraldilha,
Que essa vem-te pequenina ;
E soa-te áquella rodilha.

LED. Pae, trazeis-me algũa cousa ?

PAE. Dize, gata preguiçosa,
Porque não pugeste aqui
A minha banca em que cosa,
Que não vas por ella d'hi ?
Ja te esqueceo a punhada
Que te dei quando ora foi ?
Quando te dão não te doe ?

LED. Vêde-la aqui alimpada,
Melhor inda do que sóe.

Assentae-vos a coser,
Que pareceis assi mal.

PAE. Assi o quero fazer.
Que me foste aqui trager ?
Não he este o meu didal ;
Este he o didal do menino,
Que me tu aqui trazias.
Erga-se.

MÃE. He tamanino,
Ja quereis que faça pino
Hum anginho de oito dias ?

Ei-lo vem a criancinha ;
Ergueo-se cos negros medos.
Filho amor, queres do pão ?

Entra Saulinho, e diz :

SAU. Dá-me o pentem, Ledecina.

PAE. Desenguiça-te cos dedos,
E pentea-te co a mão.

MÃE. Lediça, vai á janella,
Traze-me a roca e banca,
E o fuso que está co'ella.

LED. Pardeos, mãe, i vós por ella,
Que não sois cega nem manca.

PAE. Assentae-vos a fiar,
Saulinho e eu a coser,
Lediça guize o jantar
Como acabar de varrer
E a loiça de lavar.

Cantão Pae e Filho cosendo.

« Ai Valença, guai Valença,
« De fogo sejas queimada,
« Primeiro foste de moiros
« Que de christianos tomada.
« Alfaleme na cabeça,
« En la mano una azagaya,
« Guai Valença, guai Valença,
« Como estás bem assentada ;
« Antes que sejam tres dias
« De moiros serás cercada. »

PAE. E assi o foi.

MÃE.

Por vida de dona Hecer,
Dom Juda, quereis que vos diga ?
Cuidais que o sabeis todo ;
Pera cantar e coser
Haveis de dizer cantiga
Que vos tire o pé do lodo :
A cantiga que eu queria,
Ora olhae como a digo.

« Donde vindes, filha,
« Branca e colorida ?
« De lá venho, madre,
« De ribas de hum rio ;
« Achei meus amores
« N'hum rosal florido,
« Florido, enha filha,
« Branca e colorida.

« De lá venho, madre,
« De ribas de hum alto,
« Achei meus amores
« N'hum rosal granado,
« Granado, enha filha,
« Branca e colorida. »

PAE.

Se a cantiga não falar
Em guerra de cutiladas,
E de espadas desnudadas,
Lançadas e encontradas,
E coisas de peleijar,
Não nas quero ver cantar,
Nem nas posso ouvir cantadas.

MÃE.

Dom Juda, assi tenhais bem,
 Que se vira guai espada
 Tirada na mão d'alguem,
 Desnudada pera dar,
 Guaias de Hecer Beacar
 E da saude que tem,
 Porque logo são finada
 Com afronta que me vem.

PAE.

Não ja eu, que de atrevido,
 Se estiver n'hũa janella,
 E a porta toda trancada,
 E na praça o arroido,
 E eu co a lança e rodela,
 Não tenho medo de nada.
 E se o nosso Iffante passa,
 E elle hoiver de passar
 O Lião do oiro bello,
 Duque das partes d'alem,
 Não hei de ficar em casa,
 Nem nenhum homem de bem.

Levarei huma gualteira
 E hũa lança longa, longa,
 Bem longa, muito comprida,
 Que haja seis lanças nella,
 E buscar ónde me esconda,
 Pera esconder a vida,
 Não topem moiros com ella.

Vem Jacob e outro Judeo, e diz

JACOB.

Ando muito esfandegado.

PAE. Que he isso, irmão, que queres?

JAC. Somos postos em prazeres
 E trabalho misturado.

MÃE. Isso he coisa de proveito?

JAC. Mas juntei os mercados,
 E acordamos os maiores,
 Que os que temos algum geito
 Nos façamos foliadores.

MÃE. Isso pera que? dizei.

JAC. Eu busquei isto de mi:
 Ja vêdes que ElRei he aqui
 E temos ja aqui ElRei,
 Sancto mais que ElRei David.

E a sua bem assombrada
Natural Rainha Ester,
Rainha Sabá doirada,
A rainha mais honrada
Que dez reinos podem ter.
E tambem o Principe he.
Nunca meteo aqui pé.
De nós seja festejado,
Como era desejado,
E como fermoso he
O que seja bem logrado. —
Vão-se todos ao sobrado.

Sahem-se ellas, e depois de idas diŕ :

JACOB.

Falemos tu e eu sós.
Qu'invenção faremos nós
N'hum aito bem acordado,
Que tenha ave e piós ?
Que folias ja são frias,
E as pelas, as mais dellas,
E os toiros
Matarão hum mata-moiros ;
E a ussa ja não se usa,
E a festa não s'escusa,
Pois andamos nos peloiros.

PAE.

Pera que cumpridamente
Aito novo inventemos,
Vejamos hum excelente
Que presenta Gil Vicente,
E per hi nos regeremos.
Elle o faz em louvor
Do Principe nosso senhor.
Porque não póde em Alvito,
Logo virá o relator,
Veremos com que primor
Argumenta bem seu dito.

*Entra o Licenceado argumentador da obra que
adeante se segue e diŕ :*

LICENCEADO.

Oh que douda presunção
Cuidar ninguem na pousada

Que traz discreta invenção
Aqui onde a descrição
Tem sua propria morada.
Que a côrte
He hum precioso norte
Que guia os mais sabedores ;
E onde ha rosas e flores
Pampillos não fazem sorte.

E pois o primor inteiro
Nasce aqui em taes logares,
E todo o al he grosseiro,
Não presuma o soveiro
De dar tamaras doçares.
Gil Vicente o autor
Me fez seu embaixador,
Mas eu tenho na memoria
Que pera tam alta historia
Naceo mui baixo doutor.

Creio que he da Pederneira
Neto d'hum tamborileiro ;
Sua mãe era parteira,
E seu pae era albardeiro.
E per rezão
Elle foi ja tecelão
Destas mantas d'Alentejo ;
E sempre o vi e vejo
Sem ter arte nem feição.

E quer-se o demo meter.
O tecelão das aranhas,
A trovar e a escrever
As portuguezas façanhas,
Que so Deos sabe entender !
D'outro cabo,
Dizem que achou o diabo
Em figura de donzella,
E elle namorou-se della :
Porém ella
Era diabo encantado.

Levou-o a huns arvoredos ;
Vai a dama assi a furto
E alevanta os cotovelos,
E levou-o polos cabelos,
E fez-lhe o pescoço curto.

E meteo-o logo essora,
Sem lhe valerem seus gritos,
Aonde a Sebila mora,
Encantada encantadora,
Antre os malinos espiritos.

E ali foi ensinado
Sete annos e mais hum dia.
E da Sebila informado
Dos segredos que sabia
Do antigo tempo passado.
Em especial
O antigo Portugal,
Lusitania que cousa era,
E o seu original :
E por cousa mui severa
Vo-lo quer representar.

E pera claro cimento
E a obra não ser escura,
Direi em prosa o argumento ;
Porque a cousa que he segura,
Procede do fundamento.
E como sempre isto guardasse
Este mui leal autor,
Até que Deos enviasse
O Principe nosso senhor,
Não quis qu'outrem o gozasse.

Naquella cova Sebilaria, muito sabio e prudentissimo Senhor, o autor foi ensinado que ha tres mil annos que hũa generosa ninfa chamada Lisibea, filha de hũa Rainha de Berberia e de hum principe marinho ; que a esta Lisibea os fados derão por morada naquellas medonhas barrocas, que estão da parte do sol ao pé da serra de Sintra, que naquelle tempo se chamava a serra Solercia. E como por vezes o sol passasse pelo opposito da lustrante Lisibea, e a visse nua sem nenhũa cobertura, tam perfeita em suas corporaes proporções, como fermosa em todos os logares de sua gentileza ; houve della hũa filha tam hornada de sua luz, que lhe poserão nome Lusitania, que foi diesa e senhora desta Provincia. Neste mesmo tempo havia na Grecia hum famoso cavaleiro e mui namorado em extremo, e grandissimo caçador, que se chamava Portugal ; o qual estando em Ungria ouviu dizer das diversas e famosas caças da serra Solercia, e veio-a buscar. E como este

Portugal, todo fundado em amores, visse a fermosura sobrenatural de Lusitania, filha do Sol, improviso se achou perdido por ella. Lisibea sua madre, desatinada ciosa, morreo de ciumes deste Portugal. Foi enterrada na montanha que naquelle tempo se chamava o Feliz Deserto ; onde depois foi edificada esta cidade, que por causa da sepultura de Lisibea lhe poserão nome Lisboa. Neste presente auto entrará primeiramente Lisibea, e Lusitania, e Portugal em trajos de caçador, e Maio mensageiro do Sol, e depois Mercurio com certas diesas. E porque o autor se apressa pera vos representar o argumento que naquelle tempo passarão Lisibea grandissima ciosa com Lusitania sua filha, he razão que lhe dêmos logar.

LISIBEA.

Canseira de minha vida,
Põe esses olhos no chão,
Vela-te de ser perdida,
E não olhes tam garrida
Quantos vem e quantos vão.

Lus. Oh que forte condição !
Como sois destemperada
E ciosa sem razão !

Lis. Eu não teria paixão
Se te visse assossegada ;

Mas tu olhas pera ca,
Pera aqui e pera ali,
E de ca pera acolá.

Lus. Esse olhar que mal me está,
Se eu ólho bem por mi ?

Lis. Oh como he de pouco aviso
Dares sempre á cabecinha !
E tam prestes tens o riso,
Que quem te vir d'improviso,
Logo dirá qu'es doudinha.

LUSITANIA.

Mãe, isso he cór de bradar,
E tudo não funde em nada :
Que sem rir, ver, nem falar,
Todos me podem chamar
Fermosa mal assombrada.
Mas não se póde negar
Que o ciume he mal infindo ;

Porque o muito ciar
Às vezes faz acordar
O amor que jaz dormindo.

LISIBEA.

Por mais que brava escumes,
De te amar vem esta dor,
Que te faço sabedor
Que dos mui muitos ciumes
Nace o mui muito amor.

LUSITANIA.

Esse muito he de mau tom.
O' mãe, como estais errada ;
Porque o muito não he nada
Quando quer que não he bom.
O querer ha de ser são,
Mui seguro e confiado,
Isento sem sospeição,
Doce na conversação
E alegre no cuidado.

LISIBEA.

Ja som bem certa e segura
Que o castigo he cousa cara.
Leixar-te quero á ventura,
Que ás vezes o tempo cura
O que a razão não sara.
Teus olhos sam teu perigo,
Elles te castigarão.

Lus. Mãe, a muita reprehensão
Busca mui poucos amigos ;
E esta he a conculção.

Eis ca vem hum caçador ;
Generoso representa,
E traz ar de gran senhor.

Lis. Perto tinhas tu o amor,
Que asinha te elle contenta.
Não me tens em nemigalha ;
Cambra venha que t'encambre ;
Canta se tu es alambre,
De longe tomas a palha.

LUSITANIA.

Os ciumes que em vós se montão
Ja não hão de ser pequenos,

E quem porcos acha menos
Em cada mouta lhe roncão.
Sabeis, mãe, em que me fundo ?
Eu sam a filha do Sol,
E se o mundo teve flor,
Eu sam as flores do mundo,
E da presunção maior.

Que som tam fantesiosa
E tão cheia de grandeza,
Que não prezo ser fermosa,
Nem prezo a quem me preza,
E prezo-me de generosa.

Chega Portugal e diz :

Primeiro que va á serra
Solercia, que vou buscar,
Senhora, hei de perguntar
Se as que nace[m] nesta terra
Tem o ceo a seu mandar ;
Que em Grecia nem ultra-mar
Tal fermosura não vi.
Senhora, venho a caçar,
Mas a caça que matar
Sera o triste de mi.

LISIBEA.

Que ma ora começastes,
E que ma ora viestes,
E que ma ora embarcastes,
E que ma ora chegastes,
E na negra ora vos erguestes.
Olhae aquella chegada,
Do que lhe dê Deos mau mes !
Lus. Nunca o falar descortes
Aproveitou pera nada :
Vêde como isso dizê[s].

LISIBEA.

Nesta brava serrania,
Brava o hei de deshonrar.
Lus. Aqui e em todo lugar
Muito dana o mau falar,
E aproveita a cortesia.
Por. Pois das lindas sois rainha,
Das fermosas grao supremo,
De vos ciar em extremo
Tem rezão, senhora minha.

LISIBEA.

Senhora de vosso avô
E de vossa mãe cadella !
Tirae eramá os olhos della,
Tirade pera vós so,
Não tenhais de ver co ella.

Lus. Folgae ora, havei prazer,
Dae ao demo o arroido.

Lus. Oh que te vejo perder !
Porque o dano da molher
Sempre lhe entra pelo ouvido.

LUSITANIA.

Mãe, dos homens he falar,
E das molheres ouvir,
E do bom siso calar,
E da prudencia sentir
O que não póde danar :
Cuidais que me ha de comer ?

LISIBEA.

Eu não te posso soffrir ;
Nesta dor hei de morrer.
Fica-te, qu'eu quero-me ir,
Pera mais não parecer.
Minha morte he cêrca e certa,
E eu dou-te vida escura ;
Vou-me á minha sepultura,
Que está na Serra deserta,
Feita por mão da Ventura. (vai-se.)

LUSITANIA.

Senhor meu, amigo caro,
Vós ide emtanto caçar,
Porque a mi cumpre rezar,
E chorar meu desamparo,
E a vós de me deixar.

Vai-se Portugal, e diŕ Lusitania em oração.

LUSITANIA.

O' Minerva graciosa,
Avogada da fermosura,
Vem asinha,
E pois no ceo es ditosa,
Parte da tua ventura
Co a minha.
O' preciosa diesa honesta

Ramnusia, Deos da ventura
E da bonança,
Converte meu chôro em festa,
E minha triste tristura
Em esperança.

E tu diesa Magesta,
Das viuvas solitarias
Protectora,
Á minha pressa te apressa,
Pois sempre te paguei pareas
Atégora.
Diesa Maya, diesa Juno,
Diesa Palas, diesa Vesta,
Oh Senhora,
E tu senhor deos Neptuno,
E Venus, que a todos presta,
Valei-m'ora.

E acabaes co Sol meu pae,
Que me mande hum messageiro,
Que me veja,
E saiba como me vai ;
E pois he pae verdadeiro,
Me proveja.

Entra Maio, messageiro do Sol, cantando :

MAIO.

« Este he Maio, o Maio he este,
« Este he o Maio e florece,
« Este he Maio das rosas,
« Este he Maio das fermosas,
« Este he Maio e florece,
« Este he Maio das flores.
« Este he Maio dos amores,
« Este he Maio e florece. »

Mui muito mespanto eu
De mundo tam albardeiro,
Que por eu ser prazenteiro,
Me tem todos por sandeu,
E, por sisudo, Janeiro.
Pois hei de tomar prazer,
E não hei de ser com'este ;
Que o prazer crece o viver ;
E que isto não fizer
Não terá vida que preste.

« Este he Maio, o Maio he este,
« Este he Maio e florece. »

Hei de cantar e folgar,
E bailar cos corações ;
E por me desenfadar,
Farei os asnos zurrar,
E cantar os rousinoes.
E farei calar as rans
De noite, e cantar os grilos,
E as patas pelas manhans ;
E alimpar as maçans,
E florecer os pampillos.

Não me hajais por estrangeiro,
Lusitania, descansae,
Qu'eu sam Maio e messageiro
E principal cavaleiro
Da côrte de vosso pae.
E manda-vos visitar,
E mais vos faz a saber
Que vos quer logo casar ;
E quer vosso parecer,
Pera se determinar.

LUSITANIA.

Dize-lhe tu, Maio amigo,
Que casar he forte caso,
E não casar gran perigo ;
E que não sei neste passo
Que lhe diga nem que digo,
Que elle o póde ordenar,
Porém o meu parecer
He que o ditoso casar
Está mais em acertar,
Que em sabê-lo escolher.

MAIO.

Senhora, não he rezão
Encobrir esta alegria.
Saiba vossa senhoria
Que acabou sua oração
Quanto vossa alma queria ;
E por vosso bem ditoso,
E merecer mui facundo,
Vem Mercurio precioso
Deos dos commercios do mundo,
Eleito por vosso esposo.

Vem co elle as soberanas
 Diesas de Grecia e Egypto,
 Venus vem com as Troyanas,
 Verecinta co'as Romanas,
 Cantando com ledô esp'rito.

Vem estas deosas em dança ao som desta

CANTIGA.

« Luz amôres de la niña,
 « Que tan linduz ujuz ha,
 « Que tan linduz ujuz ha,
 « Ay Diuz quien luz habrá,
 « Ay Diuz quien luz servirá. »

VENUS.

Dejemuz ora el cantar
 Y antez de estaz ricaz bodaz
 Que venimuz celebrar,
 Pongámunuz hi luego todas
 Cada una en su altar.
 Verecinta, Fébrua y Vesta,
 Romanaz maz singularez,
 Antez de empezar la fiesta,
 Poneos á la mano diestra,
 En vuestros santos altarez.

Nuz tevemuz utroz dotez,
 Estaremuz de este lado,
 Todas seis muy veneradaz.
 Y estez nuestroz sacerdotéz
 Rezarán su ordenado
 Y suz horaz ordenadaz.

*Dinato e Berzebu, capellães destas Deosas, começão
 dizendo:*

DINATO.

No saber universal
 Crê que o meu spirito voa.

BER. Queres hũa cousa boa?
 Antes que entremos ao al
 Rezemos a sexta e noa,
 E depois todalas horas
 Das negligencias mundanas,
 Em louvor das soberanas
 Diesas nossas senhoras,
 E milagrosas Troianas.

DINATO.

Ora rezemos, parceiro,
E porque seja melhor,
Toma, ves hi o psalteiro
De Nabucodonosor,
Que lhe furtou Frei Sueiro.

BER. Quem começará primeiro ?

DIN. Tu que es amancebado,
E es padre verdadeiro,
Que tens filhos ao teu lado,
E eu sam inda solteiro.

BERZEBU.

Beato seja o varão
Que adora cães e gatos,
E as muelas dos patos,
E os miolos do cão,
E o gallo de Pilatos.

DIN. Beato seja e aceito
O que doce lingua tem
E a maldade no peito,
E louva sempre o malfeito,
E diz mal de todo o bem.

BERZEBU.

Bento seja o verdadeiro
Avarento per natura,
Que pos a alma no dinheiro,
E o dinheiro em ventura,
E a ventura em palheiro.

DIN. Bentos sejam os primeiros
Que tomão por devação
Aborrecer-lhe o sermão,
E andão tras feiticeiros
De todo seu coração.

BERZEBU.

Bentos aquelles e aquellas
Que so tres ave-marias
Os enfadão nas capellas,
E folgão de ouvir novellas
Que durescêm noites e dias.

DIN. Adiante va a molher
Que não crê senão patranhas,
E reza sempre ás aranhas,
E não crê o que ha de crer
E adora as tartaranhas.

BERZEBU.

Não se poderá cuidar
Mal, que a gente não adore.
Louvemos seu descuidar,
Que o mundo quer-se finar,
E não ha hi quem no chore.

DIN. Não somente quem o crea :
Nem sentem as creaturas
Que ha de morrer sem candeia
E espirar ás escuras,
Como triste em terra alhea.

BERZEBU.

Os infernos são pasmados
Dos soffrimentos de Deos,
Que lhes creou sete ceos,
Todos sete a elles dotados.

DIN. E elles desacordados
De tanta bemfeitoria,
Vão-lhe peccar cada dia
Em todos sete peccados.
Alleluia, alleluia.

Vamo-nos aos bons bispos.

BER. Acharemos porcos piscos.

DIN. Oremus.

BER. Rogo-te, irmão, que acabemos,
Porque nunca acabaremos.

DIN. Acabemos.

BER. Por darmos alguma conta
Ao Deos rei Lucifér,
Põe-te tu a escrever
Tudo quanto aqui se monta,
E quanto virmos fazer ;
Porque a fim do mundo he perto,
E pera o que nos hão de dar,
Cumpre-nos ter que allegar ;
Pois pera provar o certo,
Escreve quanto passar.

*Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador,
e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu :
e logo apos elle hum homem, vestido como pobre, este se
chama Ninguem, e diz :*

NINGUEM.

Que andas tu hi buscando ?

TOD. Mil cousas ando a buscar :

Dellas não posso achar,
Porém ando perfiando,
Por quão bom he perfiar.

NIN. Como has nome, cavaleiro ?

TOD. Eu hei nome *Todo o Mundo*,
E meu tempo todo inteiro
Sempre he buscar dinheiro,
E sempre nisto me fundo.

NINGUEM.

Eu hei nome *Ninguem*,
E busco a consciencia.

BER. Esta he boa experiencia :
Dinato, escreve isto bem.

DIN. Que escreverei, companheiro ?

BER. Que Ninguem busca consciencia,
E Todo o Mundo dinheiro.

NINGUEM.

E agora que buscas lá ?

TOD. Busco honra muito grande.

NIN. E eu virtude, que Deos mande
Que tope co ella ja.

BER. Outra adição nos acude :
Screve logo hi a fundo,
Que busca honra Todo o Mundo,
E Ninguem busca virtude.

NINGUEM.

Buscas outro mor bem qu'esse ?

TOD. Busco mais quem me louvasse
Tudo quanto eu fizesse.

NIN. E eu quem me reprendesse
Em cada cousa que errasse.

BER. Escreve mais.

DIN. Que tens sabido ?

BER. Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado,
E Ninguem ser reprimido.

NINGUEM.

Buscas mais, amigo meu ?

TOD. Busco a vida e quem ma dê.

NIN. A vida não sei que he,
A morte conheço eu.

BER. Escreve lá outra sorte.

DIN. Que sorte ?

BER. Muito garrida :

Todo o Mundo busca a vida,
E ninguem conhece a morte.

TODO o MUNDO.

E mais queria o paraíso,
Sem mo ninguem estorvar.

NIN. E eu ponho-me a pagar.

Quanto devo pera isso.

BER. Escreve com muito aviso.

DIN. Que escreverei ?

BER. Escreve

Que Todo o Mundo quer paraíso,
E Ninguem paga o que deve.

TODO o MUNDO.

Folgo muito d'enganar,
E mentir naceo comigo.

NIN. Eu sempre verdade digo,

Sem nunca me desviar.

BER. Ora escreve lá, compadre.

Não sejas tu preguiçoso.

DIN. Que ?

BER. Que Todo o Mundo he mentiroso,
E Ninguem fala verdade.

NINGUEM.

Que mais buscas ?

TOD. Lisonjar.

NIN. Eu som todo desengano.

BER. Escreve, ande la mano.

DIN. Que me mandas assentar ?

BER. Põe ahi mui declarado,

Não te fique no tinteiro :

Todo o Mundo he lisonjeiro,

E Ninguem desenganado.

VENUS.

Capellanes y nos todas,
Pues que teneis bien rezadas
Vuestras horas ordenadas,
Concluyamos nuestras bodas,
Bodas bien aventuradas.

Tornão á sua cantiga, bailando todos ao som della.

Cantiga.

« Luz amores de la niña

« Que tan linduz ujuz ha,

« Que tan linduz ujuz ha,
« Ay Diuz quien luz habrá,
« Ay Diuz quien luz habrá.

« Tiene luz ujuz de azor,
« Hermuzuz como la flor :
« Quien luz serviere de amor
« No sé como vivirá,
« Que tan linduz ujuz ha.
« Ay Diuz quien luz servirá,
« Ay Diuz quien luz habrá.

« Suz ujuz son naturalez
« De las águilas realez,
« Luz vivuz hacen mortalez,
« Luz muertos suspiran allá,
« Que tan linduz ujuz ha.
« Ay Diuz quien luz servirá,
« Ay Diuz quien luz habrá. »

VENUS.

O Lusitania señora,
Tú te puedes alabar
De desposada dichosa,
Y pámpano de la rosa,
Y sirena de la mar,
Frescura de las verduras,
Rocio de la alvorada,
Perla bien aventurada,
Estrella de las alturas,
Garza blanca namorada.

VERECINTA.

Dulzura de la mi vida,
Bendita quien te pario,
Mi niñita esclarecida.
Oh como eres parecida
Al padre que te engendró ;
Pues que hija del Sol eres,
Que da luz á toda cosa,
Y tú á todas las mugeres.
O Mercurio, que mas quieres
Que tal perla por esposa ?

FEBRUA.

Consuelo de mis entrañas,
Alma de la vida mia,

Pues que te sobra alegría,
 Reparte con las montañas
 Desiertas sin compañía ;
 Que este galán desposado
 De los mas lindos que yo vi,
 Es planeta venerado,
 Y te estuvo bien guardado
 En el cielo para ti.

JUNO.

Norabuena tú lo viste,
 Norabuena lo cobraste,
 Y norabuena naciste,
 Que tal esposo cobraste,
 Para nunca ser triste.

MER. Sus, faça-se o que se requiere,
 Pois pera minha naceo ;
 Mas o que daqui s'inferre,
 Maridá-la não espere,
 Porque não se usa no ceo.

VERECINTA.

Guayas de ella y de su vida,
 De su cuerpo y su lindeza,
 Y de su gracia vellida !
 A qué manos es venida
 La flor de la gentileza !

VEN. Y nunca ha de ser preñada,
 Ni maridada la triste ?

MER. Que quer ella de mais nada,
 Senão ser de mi amada
 O mais que tu nunca viste ?

PALAS.

Todo eso tu sueño sueña :
 Arre acá burra de Logroño.
 Para jaula es la cigüeña.
 Así que no harás dueña,
 Ni serás tampoco dueño.

VEN. Ay de ti lirio florido,
 Ay de ti sarza florida,
 Quando tu fresco sentido
 Se hallare con marido
 Y le hallare marida.

MERCURIO.

Oh renego de Turquia !
 Eu lhe dou meu coração

Com tanta gloria e alegria,
Que as aves lhe cantarão
Continuada melodia.

VEN. Las aves á la desposada
Sabes que se monta ahí ?
Cantarle han por alvorada
« La bella mal maridada
Mal gozo viste de ti. »

JUNO.

Mi esmeralda oriental,
Casar sin ayuntamiento,
Y el marido inmortal,
Esta casadica tal
Guayas de su pensamiento.

Lus. O que ha de ser ha de ser,
Não hei de engeitar ventura,
E quanto a vossos dizeres,
Se não for pera molher,
Ao menos serei segura
De se perder por molheres.

VESTA.

Diz que viguela sin cuerda,
Y caballero sin lanza,
Y casada sin maridanza,
No se escusa que concuerda.

Lus. Quando eu imaginar
Na honra que tanta importa,
Que ha hi mais que desejar ?
Porque se a coma for torta,
Isto a póde endireitar.

VENUS.

Señor, muéstraste templano
Marido muy sin provecho :
Estás ahí fantasma hecho
Sin tomalla de la mano,
Y la otra puesta en su pecho.
Quien ve la cosa hermosa
Que no desea tocarla ?
Vámonos por vida vuestra ;
Y pues ya que ha de llevarla,
No hagamos otra cosa.

Torna Portugal da caça e diç :

PORTUGAL.

Segundo se me afigura,
E este caso se moveo

E minha alma não segura,
Eu perdi a mor ventura
Que homem nunca perdeu.
Quem tem tempo e espera tempo,
Tem maré e espera maré,
Tem vento e espera vento,
Não teve conhecimento
Da fortuna que cousa he.

Que êrro pera doer
Grande pena em demasia,
Quando homem ve perder
O bem que podera haver
E o leixou de dia em dia !
Não sei como me enlheou.
Esta çafira da Persia,
Que me disse, — emquanto eu vou
Chorar a mãe que me criou,
I-vos á serra Solercia.

Eu errei em a leixar,
E mereço este castigo ;
Porque o verdadeiro amigo,
Se ve o amigo chorar,
Sempre o ha d'achar comsigo
E sentir as suas dores
Na sua angustia maior.
O' Lusitania, os teus primores
Me causárão taes amores,
Que me esqueceo este amor.

O' Senhora, onde vos is ?
Amor, onde me leixais ?
Pera que terra partis ?
Porque não vos despedis
Deste triste que engeitais ?
Dizei-lhe antes da partida
Sequer ja por despedida : —
Fica-te, homem d'amargura,
Em tal dia e hora escura,
Que com a dita mais perdida
Ande o teu corpo sem vida,
E sem alma e sem ventura.

LUSITANIA.

Meu pae manda-me levar,
E á lei obedecer.

Estou pera me casar,
E vou-me longe morar,
E perto de o fazer.

POR. Senhora, não vos atalho
O caminho começado,
Porque o desventurado
Seu descanso he o trabalho,
E sua gloria o cuidado.

Não me fica que perder,
Pois que a fortuna malina
Vos buscou este prazer,
Como quem queria ver
O cabo á minha mofina.

VER. Si tú amores tenias
Con galan tan esmerado,
Porque quieres bodas frias,
Y vivir todos tus dias
Con hombre desnamorado ?

Que este nobre Portugal
Es fundado sobre amor,
Y es marido natural.
Estotro es un bestial,
Una siba sin sabor,
Un caldo de briguigones ;
Y Portugal, si creer me quieres,
Es baron de los barones,
Servidor de las mugeres
Mas que todas las naciones.

JUNO.

Lusitania, vuelta, vuelta,
Bien te dice Verecinta ;
Hazlo ansi como lo pinta,
Pues Dios quiso que estás suelta ;
Nesotro no gastes tinta ;
Porque será cosa oscura
Lo que se sigue de aqui,
Darte la buena ventura
Tanta gracia e hermosura
Sin quedar casta de ti.

MERCURIO.

Isso vêde vós e ellas,
Tudo seja a seu serviço,
Porque se eu fôra castiço,

Ja hi houvera mais estrelas.
Se Portugal desejais,
Sendo vós, eu o tomaria.
Lus. Pois tinha eu em fantasia
Que vos doesse isso mais,
Sequer por galantaria.

Portugal, senhoras, quero,
A quem Deos sempre resguarde,
E seu Principe lhe guarde
Como esperais e espero,
E reine próspero e tarde.
VEN. Portugal, dad os las manos,
Y luego fiesta á la mano ;
El cantar que le digamos
Será el que en Grecia usamos,
Tornado en buen castellano.

Cantiga.

« Vanse mis amores, madre,
« Luengas tierras van morar,
« Yo no los puedo olvidar.
« Quien me los hará tornar,
« Quien me los hará tornar,

« Yo soñara, madre, un sueño,
« Que me dió nel corazon,
« Que se iban los mis amores
« Á las islas de la mar,
« Yo no los puedo olvidar.
« Quien me los hará tornar
« Quien me los hará tornar.

« Yo soñara, madre, un sueño,
« Que me dió nel corazon,
« Que se iban los mis amores
« Á las tierras de Aragon :
« Allá se van á morar,
« Yo no los puedo olvidar.
« Quien me los hará tornar.
« Quien me los hará tornar. »